

Antoine Compagnon

Para que serve a literatura?

Tradução de
José Domingues de Almeida

DERIVA

TÍTULO
PARA QUE SERVE A LITERATURA?

TÍTULO ORIGINAL
LA LITTÉRATURE, POUR QUOI FAIRE?

AUTOR
Antoine Compagnon

TRADUÇÃO
José Domingues de Almeida

ISBN
978-972-9250-68-2

REFERÊNCIA
1506003

FORMATO

21x14,5cm

1ª EDIÇÃO

Junho 2010

DEPÓSITO LEGAL

xxxxxxxxxxx

IMPRESSÃO

Publidisa

DERIVA EDITORES
Rua de Santo Ildefonso, 85, 5º, sala 2
4000-468 PORTO
TELEFONE E FAX
351 225 365 145

E-MAIL
deriva@derivaeditores.pt
www.derivaeditores.pt
www.derivadaspalavras.blogspot.com

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

Publicação apoiada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Cet ouvrage a bénéficié du soutien de Culturesfrance, opérateur du Ministère français des affaires étrangères et européennes et du Ministère de la culture et de la communication.

© Deriva Editores, 2010
© Fayard / Collège de France, 2010

COLECÇÃO PULSAR

A colecção Pulsar, dirigida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, inclui textos relevantes em torno da literatura e de outras artes. Estes pequenos livros, que se podem ler numa viagem de comboio ou a uma mesa de café, pretendem emitir um sinal luminoso, sentidos de um pensamento, fulgurações de palavras. Como os enigmáticos e distantes pulsares.

Direcção e coordenação científicas de Ana Luisa Amaral,
Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo

Para que serve a literatura?¹

Ao lado da questão teórica ou histórica tradicional: «O que é a literatura?», coloca-se hoje com maior premência uma questão crítica e política: «O que pode a literatura?», que valor a sociedade e a cultura contemporâneas atribuem à literatura? Que utilidade? Que papel? «A minha confiança no futuro da literatura, declarava Italo Calvino, assenta na certeza de que há coisas que só a literatura nos pode dar». Será este ainda o nosso credo?

Nascido em 1950, Antoine Compagnon ensinou na Sorbonne e na Universidade Columbia de Nova Iorque. É, desde 2006, Professor Catedrático de Literatura Francesa Moderna e Contemporânea: história, crítica, teoria no Collège de France. É nomeadamente o autor de La Troisième République des Lettres (1983), Les cinq Paradoxes de la Modernité (1990) e Les Antimodernes, de Joseph de Maistre à Roland Barthes (2005).

¹ Este texto corresponde à lição inaugural de Antoine Compagnon no Collège de France. [N.T.]

**Exmo. Senhor Director,
Prezados Professores,**

Ao tomar aqui a palavra, invade-me um sentimento confuso, pois revejo-me na primeira vez em que transpus as portas desta casa – para me encontrar com gigantes. Acabava de ingressar numa escola vizinha. Foi pelo ano de 1970; tinha eu vinte anos: Paris era uma festa do espírito. A mãe de um amigo meu aconselhou-me a visitar o *Collège de France*. Vim, consultei o cartaz anunciando Berma em *Fedra*, tão maravilhado quanto o narrador de *Em busca do tempo perdido* diante da coluna Morris, e numa manhã, não sem receio, penetrei na sala de aulas, lá em cima, já nem sei onde pois tudo foi mudado entretanto.

Num canto da última fila, ouvira um homenzito de aspecto frágil. Explicava, minuciosa e suntuosamente, um soneto de Du Bellay como nunca ouvira fazer, nem sequer tinha imaginado que se pudesse fazer. Em breve fiquei a conhecer o nome dele: era, convidado por Claude Lévi-Strauss, Roman Jakobson quem eu acabara de ouvir, o imenso linguista e teórico da literatura que atravessou todo o século XX, de Moscovo a Praga, e depois de Nova Iorque a Harvard.

Contrariamente ao narrador segundo *Fedra*, esta primeira vez não me decepcionara. Será que alguma vez voltei dessa visita? Não nos tornamos nós professores por não termos conseguido deixar a escola? Tendo encontrado o caminho do *Collège*, este levou-me até aqui. Enquanto me

preparava para a profissão de engenheiro, assisti aqui a outras aulas, a de Michel Foucault no ano em que publicou *Vigiar e Punir*, ou a lição inaugural de Roland Barthes, cujo seminário de *Hautes Études* frequentara entretanto. Um colega lembrava há pouco que, no seminário de Claude Lévi-Strauss, ouvíramos juntos Julia Kristeva, a qual viria mais tarde a orientar a minha tese. Foi assim que o ensino do *Collège de France* pôde precipitar a minha conversão tardia das ciências para as Letras.

Guez de Balzac advertia contra a conversão inversa: «Trocar a eloquência pela matemática, dizia ele em 1628, é como faltar-se de uma amante de dezoito anos e apaixonar-se por uma velhota²». Velhota, a matemática? O «grande» Balzac não tinha razão, mas a literatura ficou para mim como uma «amante de dezoito anos», e um dos meus mestres tampouco tinha razão quando me avisava no momento de eu dar o salto: «Não será melhor continuar como engenheiro humanista?»

Perdoem-me que evoque estas memórias antigas: explicam a dúvida que estou a sentir diante de vós. Nem imaginam tudo quanto falta à minha formação de letrado, tudo quanto não li, tudo quanto não sei, porquanto, na disciplina para a qual me elegeram, sou praticamente autodidacta. Contudo, tenho vindo a ensinar as Letras desde há mais de trinta anos e fiz desse ensino a minha profissão. Mas – tal como aqui hei-de continuar a fazer – sempre ensinei o que não sabia e apro-

2 Jean-Louis Guez, carta a M. de Tissandier, 23 de Março de 1628, *Œuvres complètes*, 1665, t. I, p. 362.

veitei as aulas que dava para ler o que ainda não lera, e aprender por fim o que ignorava.

Na incerteza de que aceitaríeis o meu projecto de cátedra, e de seguida a minha candidatura, perguntava-me: «Não irão dar pelo seu engano?» E de seguida, voltava atrás, pensando que um professor seguro de si, que soubesse antes de procurar, seria, esse sim, um impostor. Contudo, invadiam-me os nomes eminentes que ilustraram a literatura francesa moderna no *Collège de France* desde há mais de meio século, de Paul Valéry a Roland Barthes, de Jean Pommier à Georges Blin e, de seguida, os dos eminentes professores que tiveram a ideia de me chamar para junto deles, Marc Fumaroli e Yves Bonnefoy, assim como os membros do Instituto de estudos literários que me apresentaram diante da vossa assembleia, Carlo Ossola e Michel Zink, aos quais estou muito grato.

Para serenar, lembrava-me de Émile Deschanel, condiscípulo de Baudelaire no Louis-le-Grand e pai de Paul, efémero presidente da República. Em 1901 – tinha ele oitenta e dois anos –, uma estudante russa tentou assassiná-lo no final da sua aula no *Collège de France* e feriu gravemente uma amiga que acusava de a ter trocado pelo professor, «esse palerma do Deschanel! Professor de meninas! – escrevia Baudelaire de forma premonitória em 1866 – representante perfeito da pequena literatura, pequeno vulgarizador de coisas vulgares»³. Mas, no entanto, autor na *Revue des Deux Mondes* em 1847, de um estudo

³ Baudelaire, carta a Narcisse Ancelle, 18 de Fevereiro de 1866, *Correspondance*, Gallimard, «Pléiade», 1973, t. II, p. 610.

sobre «Safo e as Lésbicas» no preciso momento em que Baudelaire dava às *Flores do Mal* este título «bombástico»: *As Lésbicas*.

Exmo. Senhor Director, Caros Colegas, sinto-me muito pequeno diante da tarefa que será a minha, sucedendo a mestres admiráveis, e é com humildade que vos agradeço a honra que me dão e a confiança que em mim depositam ao acolher-me entre vós.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Por que razão e como falar da literatura francesa moderna e contemporânea no século XXI? São estas as duas perguntas sobre as quais gostaria de reflectir hoje convosco. Ora, o *porquê* é mais difícil de tratar. Tentarei, pois, responder primeiro ao *como*.

Duas tradições dos estudos literários foram alternando desde o século XIX em França, assim como nesta casa. Sainte-Beuve distinguia já «várias formas, vários tempos muito marcados na crítica literária». No final do século XVIII, esclarecia ele, apenas se «procurava nas obras [...] exemplos de gosto e ilustrações tendo em conta teorias clássicas consagradas», mas no início do século XIX, «começou-se a contestar as teorias até então reinantes» e foram articuladas as obras-primas, as suas belezas assim como seus defeitos, «com as circunstâncias da época, com o quadro da